

OS ASPECTOS FUNDANTES DO FILME HISTÓRIA DAS COISAS

THE FOUNDING ASPECTS OF CINE STORY OF STUFF

ASPECTOS FUNDADORES DEL CINEMA DE HISTORIA DE LAS COSAS

Carlos Henrique Ferreira Magalhães¹

Augusto Cezar Perego Bezerra²

Luiz Fernando Badaró³

Yann Ferreira Roudrigues Souza⁴

Resumo: Esse artigo tem o objetivo de analisar os aspectos fundantes do filme “História das Coisas”. Essa obra trata da produção de mercadorias numa sociedade regida pelo capital. Tivemos como fundamentos metodológicos os pressupostos de Georges Lukács (1978) para identificar a singularidade, a particularidade e a universalidade dessa obra cinematográfica. Concluímos que o filme revela de forma realista a aparência do capital com precisão. Todavia o desconhecimento dos aspectos fundantes da economia política que rege o capital fez com que ele tivesse um desfecho acreditando na possibilidade de reformar o capital. Fato o qual segundo István Mészáros (2002) é ontologicamente impossível.

Palavras Chave: Cinema; Estética; Economia-política.

Abstract: This article aims to analyze the foundational aspects of the film “Story of Stuff”. This work deals with the production of goods in a society governed by capital. We like the fundamentals methodological assumptions Georges Lukacs (1978) to identify the uniqueness, the particularity and universality of this film work. We conclude that the movie realistically shows the appearance of capital accurately. However the lack of foundational aspects of political economy which governs the capital meant that he had an outcome believing in the possibility of reforming the capital. Fact which according István Mészáros is ontologically impossible.

Keywords: motion pictures as topic; esthetics; economics.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar los aspectos fundamentales de la película “Historia de las Cosas”. Este trabajo se ocupa de la producción de bienes en una sociedad regida por el capital. Teníamos tales fundamentos metodológicos supuestos Georges Lukács (1978) para identificar la singularidad, la particularidad y la universalidad de esta obra cinematográfica. Llegamos a la conclusión de que la película revela una apariencia realista de capital de precisión. Sin embargo, la falta de los aspectos fundamentales de la economía política que gobierna la capital significaba que tenía un resultado de creer en la posibilidad de reformar la capital. Hecho de que es ontológicamente imposible István Mészáros (2002).

Palabras clave: cine; estética; la economía política.

Introdução

A “História das Coisas” é um documentário de aproximadamente vinte minutos lançado em

2007 pela ambientalista norte americana Annie Leonard. Este documentário educativo mostra o resultado de pesquisas e estudos sobre o sistema de produção capitalista e o descarte de matérias no mundo. Ele é dirigido por Louis Fox e apresenta uma linguagem simples, e é explicado por desenhos animados e narrado pela própria autora do vídeo.

Com seu título original de “*Story of Stuff*”, este pequeno documentário mostra a história dos objetos (produtos) de consumo desta sociedade atual, abordando desde a sua produção, distribuição, consumo e como estes são descartados. Além de a autora discernir todo o trajeto linear de uma mercadoria desde o seu momento da produção até o seu destino final (lixo), ela oferece alternativas para mudar o paradigma consumista atual e uma melhora deste modelo de produção.

Fundamentação Metodológica

A fim de analisar o filme em questão buscamos nossa fundamentação em George Lukács na sua obra *Introdução à Estética* (1978). Lukács (1978) assevera que a compreensão da realidade exige que façamos o movimento do singular ao universal caracterizando as suas múltiplas contradições e com retorno ao singular na sua essência. Nesse movimento, Lukács (1978) ainda indica-nos a necessidade de entendermos a particularidade que faz o elo de ligação entre a singularidade e a universalidade.

A universalidade se destaca pelo modo de produção capitalista, o qual constitui os elementos fundantes da sociedade. A divisão social do trabalho, a divisão entre os homens que pensam e os homens que executam, a divisão entre os homens que detêm os meios de produção e não trabalham e os homens que trabalham em troca de um salário e não possuem os meios de produção implicam numa formação humana sob a égide do capital de forma estranhada. Os homens não reconhecem a si mesmos, não reconhecem os outros e não reconhecem a realidade. Essa universalidade é responsável por múltiplos aspectos singulares e particulares, extra econômicos (cultura, política, educação, esporte, meio ambiente, arte, entre outros) com as suas respectivas contradições e um processo de desumanização fundante de uma relação humana sob a égide do capital. Sendo assim entendemos que a particularidade no filme “*História das Coisas*” é a produção de mercadorias com a sua respectiva universalidade no modo de produção regido pelo capital. Entendemos que a singularidade seja o idealismo. Portanto, fizemos o movimento dessas três categorias observadas no filme e fizemos a sua respectiva análise.

A Arte na Formação Humana

Nessa investigação, busca-se analisar o filme “*História das Coisas*” a partir dos pressupostos teóricos de Lukács (1978; 2009) e de Marx e Engels (2010).

Para Lukács (1978), a arte é um complexo extra econômico essencial para a formação humana. Com efeito, Lukács (1978) indica que a arte suspende a relação do homem com qualquer finalidade pragmática: “Durante a formação estética de um romance, o leitor é colocado diante de uma representação concreta, historicamente datada, na qual os personagens típicos vivem as atribulações da

condição humana” (LUKÁCS, 1978).

Marx e Engels (2010) afirmam que a obra de arte realista é uma vitória na medida em que o autor de uma obra é forçado a escrever “a vida como ela é”, o que por vezes exige a produção de uma obra contrária as próprias simpatias de classe e preconceitos políticos.

O ser social ao realizar mediações com a arte pode-se buscar a sua generalização, e assim confrontar sua existência pessoal com as contradições do gênero humano; retratado num momento determinado de sua evolução pela arte. Ocorre assim, uma elevação da subjetividade ao campo concreto da particularidade, a um momento determinado do autodesenvolvimento do gênero humano com a arte. Com isso, a arte realista contribui nesse processo com a catarse. Segundo Lukács (1978): “pela catarse, o individuo obtém a superação de seus limites ao identificar-se com o gênero humano, com a causa da humanidade”.

Na obra de arte, o espectador suspende-se da sua vivência cotidiana alienada/estranhada e reencontra-se com o gênero humano, confrontando-se com os problemas da cotidianidade que o artista conformou num contexto particular. A finalidade desse processo é proporcionar ao homem um enriquecimento, no qual vai possibilitá-lo a olhar para o mundo real com outro entendimento.

Sendo assim, entendemos que os pressupostos da estética de Lukács (1978; 2009) nos permitem refletir a respeito do cinema e as mediações que o filme realiza com a consciência humana e o seu processo de elaboração teórica a respeito da sua singularidade e da universalidade a qual vive sob a égide do capital.

Produção de Mercadoria no Capitalismo

Podemos entender que a obra cinematográfica “História das Coisas” é uma obra que se aproxima do realismo, mas apresenta algumas ideias idealistas para discutir os fatos realistas por ela apresentados. Entendemos que o aspecto particular dessa obra é a produção de mercadorias numa sociedade regida pelo capital. Sendo assim é importante o estudo de Marx (1991) e Mészáros (2002) para compreendermos de forma rigorosa e radical os aspectos fundantes da produção de mercadorias nessa sociabilidade regida pelo capital.

Tratando-se da produção de mercadorias tendo como referencial a “Introdução à Contribuição para à Crítica da Economia Política” de Marx (1991), a qual a produção e suas características são tratadas no primeiro tópico da sua obra. Nesse caráter introdutório, Marx (1991) assevera que a produção social permite-nos fazer uma inferência dos seres sociais que são responsáveis por essa produção. Afirmando o seguinte:

[...] todas as épocas da produção tem certas características comuns, certas determinações comuns. A produção em geral é uma abstração, mas uma abstração razoável, na medida em que, efetivamente sublinhando e precisando os traços comuns, poupa-nos a repetição. Esse caráter geral, contudo, ou esse elemento comum, se destaca através da comparação, é ele próprio um conjunto complexo, um conjunto de determinações diferentes e divergentes (MARX, 1991, p. 27).

Com isso, esses elementos em comum podem ser singulares em distintas épocas, como a

hierarquia no trabalho, ou somente comum a determinados tempos históricos, como o trabalho assalariado, que nos remete a um tempo distinto do trabalho escravo, embora ambos produzam a hierarquia entre os homens.

Esses elementos comuns que Marx (1991) aponta da produção, seriam, por exemplo, o instrumento de produção, em que sem o mesmo, tão pouco haveria produção, ainda que o instrumento seja apenas a mão. Entre outros fatos, o capital é um modo de produção intensificador da produção de mercadorias incessante com valores de uso. Essas possuem um preço e com isso as mesmas passam a ter o valor de troca.

Marx (1991) esclarece que a produção é um conjunto total de determinações formando essa unidade múltipla em sua totalidade, tendo uma relação intrínseca entre: produção, distribuição, troca e consumo. Ao contrário dos economistas clássicos, os mesmos:

[...] Pretendem prioritariamente (cf. Mill) apresentar a produção -contrariamente à distribuição, etc. - como sujeita a leis eternas da natureza, independentes da história; o que é uma boa ocasião para insinuar que as relações burguesas são leis naturais e indestrutíveis da sociedade in abstracto (MARX, 1991, p. 28).

Sintetizando, Marx (1991) defende determinações comuns a todos os graus de produção, apreendidas pelo pensamento como geral. Mas as chamadas condições gerais de toda a produção não são outra coisa senão esses fatores abstratos, os quais não explicam nenhum grau histórico efetivo da produção e os elementos comuns gerais presentes nos períodos históricos da produção humana.

Marx (1991) indica que a produção é pensada sem o aporte da História com a distribuição, troca e consumo, no entendimento dos economistas clássicos, os quais apresentam a seguinte ideia:

[...] na produção os membros da sociedade apropriam-se [produzem, moldam] dos produtos da natureza para as necessidades humanas, a distribuição determina proporção dos produtos de que o indivíduo participa, a troca fornece-lhe os produtos particulares em que queira converter a quantia que lhe coube pela distribuição, finalmente o consumo, os produtos convertem-se em objetos de desfrute, de apropriação individual. [...] A produção aparece assim como ponto inicial, o consumo como ponto final, a distribuição e a troca aparecem como meio termo, que é assim dúplice, já que a distribuição é determinada como momento determinado pela sociedade, e a troca como momento determinado pelos indivíduos (MARX, 1991, p. 30).

Esse alerta de Marx (1991) é de suma importância, haja vista que o filme “História das Coisas”, embora presente de forma realística a produção sob a égide do capital, trata a produção separada dos seus aspectos fundantes e de forma desistoricizada da distribuição, circulação e do consumo. Isso implica numa obra realista em conjunto com o idealismo.

Segundo a doutrina dos economistas, produção, distribuição, troca, consumo, formam um silogismo correto, sendo a produção a generalidade, distribuição e troca, a particularidade, e o consumo a individualidade expressa pela conclusão. Sendo que, a produção na visão dos mesmos tem um caráter eterno e natural, fato discordado por Marx (1991), pois a produção, a distribuição, a circulação e por fim o consumo fazem parte de um processo interdependente. Sendo que a mais valia, a riqueza material é produzida pelo trabalho na produção e sua realização se dá no consumo (MARX, 1991).

Entretanto, Marx tem um entendimento distinto dos economistas clássicos conforme assevera o

seguinte sobre a produção:

[...] é também imediatamente consumo. Duplo consumo, subjetivo e objetivo: o indivíduo que, ao produzir, está desenvolvendo as suas capacidades, também as gasta, as consome, no ato da produção, tal como na procriação natural se consomem forças vitais. Em segundo lugar: consumo dos meios de produção utilizados, os quais se desgastam e se dissolvem em parte (como na combustão, por exemplo) nos seus elementos naturais; do mesmo modo, as matérias-primas utilizadas perdem a sua forma e a sua constituição naturais: são consumidas. Portanto, em todos os seus momentos, o próprio ato da produção é também um ato de consumo (MARX, 1991, p. 31).

Portanto, as etapas abstratas da produção não seguem um vetor, um silogismo correto, como é entendido na compreensão dos economistas clássicos (MARX, 1991).

Ainda de acordo com Marx (1991), o consumo é também imediatamente produção. Para isso cita numa forma particular de consumo, que do mesmo modo na nutrição, o homem produz seu próprio corpo no ato do consumo, sendo produção consumidora. Porém:

[...] – objetam os economistas – esta produção equivalente ao consumo é uma segunda produção, surgida da destruição do produto da primeira. Na primeira, o produto objetiva-se; na segunda, é o objeto criado por ele que se personifica. Por isso, a produção consumidora – embora constitua a unidade imediata da produção e do consumo – é essencialmente diferente da produção propriamente dita. Esta unidade imediata, na qual a produção coincide com o consumo e o consumo coincide com a produção, deixa subsistir a dualidade intrínseca de cada um (MARX, 1991, p. 31).

Logo, segundo Marx (1991, p. 32), a produção divide socialmente os homens entre duas classes distintas e antagônicas. Uma que possui os meios de produção e não faz a intervenção na natureza, ou seja, não trabalha. Outra classe que não possui os meios de produção e se vê obrigada a vender a sua força de trabalho em troca de um salário, a classe trabalhadora. A produção de mercadorias sob a égide do capital produz essas duas classes inconciliáveis. Sendo que a classe trabalhadora no ato de produção produz as riquezas da humanidade, porém delas não se apropria. E o ato de vender mercadorias que muitos pensam que seja a produção de riqueza é uma falsa ilusão, haja vista que a mais valia absoluta e relativa acontece na intervenção do homem sobre a natureza por meio do trabalho.

Esta relação consumo/produção, Marx (1991) assevera que o consumo realiza a produção. Isso para ser ilustrado pode ser exemplificado com a produção de um carro, no Brasil. Esse possui um preço para o consumidor que pode variar em torno de R\$30.000,00. Cada trabalhador que atuou na produção do carro recebe menos de R\$1,00 (um real) por cada carro produzido. Ou seja, o valor de R\$25.000,00 que sai da fábrica é distribuído e chega à revenda pelo valor de R\$30.000,00. Ou seja, o trabalho produz uma mercadoria cujo valor é colocado na ordem de R\$25.000,00 e recebe R\$1,00 por cada mercadoria produzida. Aqui está a “galinha dos ovos de ouro” do capitalismo. O capital precisa do trabalho e não o contrário. Por isso o consumo é considerado a realização da produção. Sendo assim, o produto, a mercadoria, só se torna produto no consumo. O consumo também fornece o objeto da produção na sua forma ideal, surgindo na forma de imagem interior, de necessidade, de impulso e finalidade (MARX, 1991).

Assim, o filme “História das Coisas” indica que o problema da sociedade regida pelo capital é a falta de organização da produção. Todavia, numa sociedade regida pelo capital a produção de mercadorias cada vez exige o maior aporte de capital constante, ou seja, máquinas modernas com a produção de mais

valia relativa sendo aumentada com menos força de trabalho. Um exemplo básico para elucidar essa questão foram os 800 mil bancários demitidos no Brasil na década de 1980 (ANTUNES, 2006). Esse é um dos exemplos que indica-nos que cada vez mais se precisa de menos força de trabalho para produzir mais mercadorias que duram menos tempo. Isso demonstra que o capital é uma força incontrolável e impossível de ser reformada (MÉSZÁROS, 2002). Assim, faz-se necessário conhecer a teoria do valor conforme explicado por Karl Marx, a fim de entender a impossibilidade ontológica de liquidar com o desenvolvimento desigual e combinado da riqueza e da miséria sob a égide do capital. Isso é o que faz vermos, por vezes, mercadorias que são liquidadas, queimadas, jogadas fora, (leite, café, entre outros) quando a sua produção é intensa. Para conter a queda da taxa de lucro, leite é jogado fora, mesmo com crianças passando fome, pois se houver muita mercadoria em oferta mais rapidamente o preço tende a cair e com isso reduzir a margem de lucro do capital. Por isso, entre outros motivos, é impossível organizar a produção.

De uma forma geral e ampla, toda essa relação intrínseca entre produção e consumo se estabelece: a) fornecendo-lhe a sua matéria; b) determinando o modo de consumo; c) provocando no consumidor a necessidade de produtos que ela criou originariamente como objetos. Por conseguinte, produz o objeto de consumo, o modo de consumo e o impulso para consumir, fazendo com que sujeitos tornem-se objetos e os objetos se tornem sujeitos. Aqui se observa o homem se afastando da sua capacidade de se humanizar, haja vista que a produção sob a égide do capital nos faz crer que necessitamos ter ao invés de procurarmos ser um sujeito emancipado, ao invés de um sujeito estranhado.

Assim, esses aspectos a respeito da produção de mercadorias são de suma importância para refletir a respeito do filme “História das Coisas”, pois a sua exposição a respeito dos fatos sociais que promovem o desenvolvimento desigual e combinado da riqueza e da miséria são coerentes, todavia, a indicação do desenvolvimento sustentável como solução para a sociedade regida pelo capital ser humanizada é impossível de acordo com as leis que regem esse sistema sóciometabólico (MÉSZÁROS, 2002).

Com efeito, estas relações entre produtor e produto, Marx (1991, p. 34) ressalta: “[...] O indivíduo produz um objeto e, ao consumir o seu produto, regressa ao ponto de partida, procedendo como indivíduo que produz e que se reproduz. Deste modo, o consumo representa um momento da produção”, portanto:

Em contrapartida, na sociedade, a relação entre o produtor e o produto, uma vez acabado este último, é uma relação exterior; o regresso do objeto ao sujeito depende da contingência das relações que mantêm com os outros indivíduos; ele não se apropria diretamente do produto; - além do mais, quando produz em sociedade, a finalidade do sujeito não é a apropriação imediata do produto. Entre o produtor e os produtos interpõe-se a distribuição, a qual, mediante leis sociais, determina a parte do mundo dos produtos que cabe aquele; inter-põe-se, portanto, entre a produção e o consumo (MARX, 1991, p. 34).

Esta instância da produção [produção/distribuição] deve ser discernida com tal peculiaridade, pois há múltiplas determinações entre eles, onde Marx (1991) explicita:

[...] o salário é o trabalho assalariado considerado noutra rubrica: o caráter determinado que o trabalho possui aqui como agente da produção surge além como determinação da

distribuição. Se não estivesse determinado como trabalho assalariado, o modo como o trabalho participa na repartição dos produtos não adquiriria a forma de salário; veja-se o caso da escravatura. Finalmente, – se considerarmos a renda imobiliária - que é a forma mais desenvolvida sob a qual a propriedade da terra participa na distribuição dos produtos – vemos que ela pressupõe a grande propriedade agrária (ou melhor a grande agricultura) como agentes de produção e não a terra pura e simples, tal como o salário não pressupõe o puro e simples trabalho (MARX, 1991, p. 35).

Assim, as relações e os modos de distribuição aparecem apenas como o inverso dos agentes de produção. Ou seja, o indivíduo que participa na produção por meio do trabalho assalariado terá como repartição do resultado da produção, o salário. Essa articulação da distribuição é inteiramente determinada pela articulação da produção.

Ainda mais, Marx (1991, p. 35), nos dá mais um exemplo dessa rubrica, por parte do indivíduo isolado. Esse é condicionado no interior da sua posição na luta de classes. Parecendo uma lei social natural, que condiciona sua posição no interior da produção de mercadorias a não ter posse dos meios de produção. Originariamente, o indivíduo não tem capital nem propriedade de terra. Logo, ao nascer, é constrangido ao trabalho assalariado pela distribuição social ocasionada pela divisão social do trabalho.

Portanto, na concepção idealista, apresentado pelo autor do filme, a distribuição aparece como distribuição dos produtos, com um caráter afastado da produção, independente dela. Esse pensamento sustenta e fundamenta os pressupostos do filme “História das coisas”. Porém, Marx (1991, p. 36) assevera: “[...] antes da distribuição dos produtos, ela é: distribuição dos instrumentos de produção, e, distribuição dos membros da sociedade pelos diferentes tipos de produção (subordinação dos indivíduos a relações de produção determinadas)”.

Pois bem, considerar a produção sem ter em conta a distribuição nela incluída, seria um equívoco que a obra cinematográfica em questão incorre. Então, a questão de saber qual é a relação entre esta distribuição determinante da produção e a própria produção constitui um problema situado também no quadro da produção de mercadorias, a qual necessita cada vez menos de força de trabalho para a sua execução. Caso a distribuição determinasse a produção, poderia parecer que sua origem é espontânea e independente da produção. Por esse próprio processo de produção convertem-se de fatores espontâneos, em fatores de um resultado histórico como Marx (1991) apresenta:

Todas as conquistas supõem três possibilidades: ou o povo conquistador impõe ao conquistado o seu próprio modo de produção (é o que os ingleses fazem atualmente na Irlanda e parcialmente na Índia); ou então deixa subsistir o antigo e contenta-se com um tributo (por exemplo, os Turcos e os Romanos); ou, por fim, produz-se uma ação recíproca, de que resulta uma forma nova, uma síntese (em parte, nas conquistas germânicas). (MARX, 1991, p. 37).

Nesta perspectiva, em qualquer desses casos, seja ela do povo conquistador, do povo conquistado ou o resultado da fusão de ambos, por conseguinte, o modo de produção é determinante para a nova estrutura de distribuição, sendo que, mesmo que a distribuição: “[...] presente como condição prévia para o novo período de produção, ela é já de si um produto da produção – não só da produção histórica em geral, mas de uma produção histórica determinada” (MARX, 1991, p. 37).

Por fim, chegando à troca e circulação, Marx (1991) explicita que a circulação propriamente dita seria não somente um momento determinado da troca, mas também pode ser a troca considerada na sua

totalidade. E o processo de troca também é determinado pelos aspectos da produção:

Em primeiro lugar, é evidente que a permuta de atividades e capacidades que ocorre no interior da produção faz diretamente parte desta última - é até um dos seus elementos essenciais. Em segundo lugar, o mesmo se aplica à troca de produtos, pois esta é um meio que permite fornecer o produto acabado, destinado ao consumo imediato. No que até agora vimos, a troca é um ato incluído na produção. Em terceiro lugar, a chamada troca (exchange) entre negociantes (dealers) é, dada a sua organização, completamente determinada pela produção; representa uma atividade produtiva. (MARX, 1991, p. 38).

Assim, somente em sua última fase, em que o produto é trocado para ser consumido imediatamente é que a troca se apresenta independente, exterior e indiferente à produção. Percebemos então que: não existe troca sem divisão do trabalho; a troca privada pressupõe a produção privada; e a intensidade da troca é determinada pelo desenvolvimento e pela estrutura da produção.

Todos esses momentos (produção, distribuição, circulação e consumo) e determinações da produção de mercadoria no sistema capitalista representam múltiplas singularidades na totalidade do modo de produção capitalista. Assim, o modo de produção regido pelo capital possui um ciclo de produção, distribuição, circulação e consumo, no qual o seu aspecto fundante está na produção de mercadorias, sendo impossível alterar algum desses elementos mantendo os demais. Sendo assim, no dizer de José Paulo Netto e Marcelo Braz (2007), querer mudar o capitalismo sem liquidar com os seus aspectos fundantes é o mesmo que acreditar na possibilidade de manter o atual modo de produção sem exploração da mais valia absoluta e mais valia relativa.

Algumas Considerações da Produção Destrutiva no tempo presente

A dimensão estrutural do capital voltado para sua progressiva expansão e as inúmeras formas de manifestação do mesmo que, para além das esferas dos processos de acumulação (produção, acumulação, consumo), se coloca enquanto mecanismo *sócio-metabólico de controle e reprodução social* (MÉSZÁROS, 2002), ou seja, relaciona e condiciona a reprodução social à produção de mais valia, que se inicia no campo da produção de mercadorias, e extrapola o campo da economia atingindo a política, tecnologia, cultura (subjetividade), submetendo, pois, todas e quaisquer relações sociais voltadas para a acumulação ampliada de mais-valia, fica claro e evidente apoiado em Mézáros (2002, p. 175), porque o sistema do capital: “[...] aborda a total incapacidade de tratar as causas como causas. Somente procura soluções para todos os problemas e contradições gerados por sua estrutura por meio de ajustes feitos estritamente nos efeitos e nas consequências”. Assim, o filme “História das Coisas” incide em propor medidas contra as consequências da destrutividade do capital e não dos aspectos fundantes que seriam acabar com o trabalho alienado, acabar com o Estado e acabar com o capital (MÉSZÁROS, 2002). Embora o filme “História das Coisas” trate dessa produção destrutiva, entendemos que o mesmo sugere uma alternativa idealista para enfrentar a produção destrutiva do capital conforme assevera Meszáros (2002).

Mészáros (2002) afirma que os limites relativos do sistema são aqueles que podem ser superados e minimizados. Todavia isso é uma ação temporária. A contenção da propagação da miséria não consegue ser estendida por muito tempo. Por cerca de 400 anos desse modo de produção, aproximadamente,

somente no pós-guerra (1945) até o início da década de 1970 que as seis maiores economias do mundo conseguiram expandir o capital sem um acúmulo de miséria significativo em suas nações. Todavia, esse razoável bem estar social nesses seis países com maior PIB foi seguramente assegurado com a miséria do restante da humanidade. Assim, as modificações propostas somente podem ser parciais. Para Mészáros (2002, p. 175) não é surpresa que o capital: “[...] tenha de confinar a qualquer custo seus esforços remediadores à modificação parcial estruturalmente compatível dos efeitos e conseqüências de seu modo de funcionamento”. Correspondendo assim que as propostas citadas no filme “A História das Coisas”, não passam mais que medidas igualmente adotadas pela estrutura do capital, tornando as proposta do mesmo incompatível com seus meios de soluções autossustentável.

Essa razão pela qual o capital é incapaz de tratar causas como causas, é que esta é uma verdadeira *causa sui perversa*, ou seja, a causa de si mesmo, é sua própria fundamentação causal, onde é como lei no plano de controle sócio-metabólico, o capital barrar qualquer tentativa de princípio de regulação socioeconômica que venha a vetar sua dinâmica voltada para a expansão. A expansão propriamente dita, não é apenas uma causa em si, ou uma função econômica relativa, mas uma maneira absolutamente necessária de camuflar e deslocar os problemas e contradições que emergem no sistema do capital, de acordo com Mészáros (2002). Esses problemas são tratados como disfunções “temporárias” a serem remediadas com a reafirmação da apologia da reprodução expandida. Sem perceber isso, o filme “História das Coisas” acaba corroborando também com a ideia que a sociedade possui essas disfunções temporárias, bastando uma gestão distinta para resolver as conseqüências. Porém, Mészáros (2002) também nos assevera que os problemas precisam ser liquidados nos seus aspectos fundantes, em suas causas que está no modo de produção.

Essa maneira ilógica do capital tratar os problemas, repetindo constantemente que nada está de errado para a expansão saudável, mesmo em grandes crises, que evita as causas subjacentes acentuando-o ainda mais as conseqüências, elabora uma ilusão a qual o modo de controle de manutenção da sociedade do capital não precisa de nenhuma mudança fundamental em sua estrutura. Sendo assim, essas determinações de caráter “natural” do capital, se fazem numa inalterável temporalidade de funcionamento reativo e retroativo, ou seja, emergentes eventos históricos inesperados que surgirem (por exemplo, uma grande crise), mais cedo ou mais tarde precisa ser restaurado em seu modelo estrutural preexistente, tornando a “restauração” uma constituição da dinâmica normal estrutural do capitalismo. O filme “História das Coisas” indica muito bem que vivemos num planeta com os recursos naturais finitos ou esgotáveis, conforme sugere Mészáros (2002). Todavia também possui uma análise idealista a respeito das pessoas que vivem planeta. Essas pessoas vivem em duas classes distintas. Aqueles que detêm os meios de produção e comandam o Estado, ou seja, os representantes do capital. E aqueles que não detêm os meios de produção e somente possuem a sua força de trabalho para vender em troca de um salário. Assim, são duas classes sociais distintas e o Estado está a serviço, predominantemente, do capital. O autor do filme tenta indicar que o Estado capitalista pode ser reformado. Isso é ontologicamente impossível, haja vista que somente há acúmulo de capital se houver acúmulo de miséria (MÉSZÁROS, 2002).

Mészáros (2002; 2005; 2007) afirma que a inércia amortecedora e paralisante da temporalidade

restauradora do capital elimina as chances de uma ordem futura qualitativamente diferente, a qual “Não pode haver futuro num sentido significativo da expressão, pois o único “futuro” admissível já chegou, na forma dos parâmetros existentes da ordem estabelecida bem antes de ser levantada a questão sobre o que deve ser feito” (MÉSZÁROS, 2002, p.117). Nos termos da temporalidade inevitável reativa e retroativo do capital, uma mudança seja lá qual for, só é aceitável se assimilada à rede de determinações estruturalmente já dada, “Tudo que pode ser em certo sentido *já foi*”. Como ele ainda afirma, as verdadeiras mudanças qualitativas dentro do sistema do capital são inconcebíveis, pois colocaria claramente em risco a conexão de uma ordem estrutural “aceitável”, pois o modo de produção regido pelo capital trata a natureza como algo inesgotável. Os Estados Unidos da América 5% da população mundial consomem cerca de 20% da energia mundial. Um pequeno acréscimo desse valor implicaria em um colapso energético mundial. Isso é uma necessidade humana real há muito ignorada pelo capital.

Em todos esses aspectos estruturais causais em que o sistema do capital se move, nestas determinações inalteráveis que são absolutamente fundamentais para sua forma de controle sócio-metabólico que Méészáros (2002) assevera que:

É assim que as mais profundas determinações causais do capital confinam as ações viáveis de correção do sistema aos efeitos e consequências estruturalmente assimiláveis, segundo a natureza do capital como inalterável *causa sui*. Com isso, elas também projetam a sombra da total incontrolabilidade quando a perversa derrubada do relacionamento entre relativo e absoluto já não pode mais ser mantida – tratar o *relativo* historicamente produzido e limitado (ou seja, a ordem estrutural do capital) como *absoluto intrascendível*, e as condições *absolutas* da reprodução sócio-metabólico e a sobrevivência do ser humano como *relativo prontamente manipulável*. (MÉSZÁROS, 2002, p. 175).

Assim, entendemos que a obra “História das Coisas” trata a sociedade regida pelo capital como algo controlável. O levantamento dos problemas sociais, econômicos, ecológicos, culturais, oriundos do modo de produção regido pelo capital é coerente. Todavia, as indicações para a sua superação são idealistas, na medida em que entende que todos esses problemas poderiam ser resolvidos com um desenvolvimento sustentável. Isso é impossível ontologicamente, haja vista que o capital somente produz riqueza se houver acúmulo de miséria. Méészáros (2002) é bem enfático: na Inglaterra a cada três crianças que nascem uma está abaixo da linha de miséria. Os dados que Méészáros (2002) constata são inúmeros, todos nos indicando a força incontrolável que é o capital. A obra cinematográfica nos induz acreditar que o Estado é uma instituição em disputa e até contraditória. Isso é impossível. Haja vista que o fundo público do Estado predominantemente é aplicado para atender aos interesses do capital (NETTO; BRAZ, 2007). Observemos os distintos exemplos da História em que quando as forças do capital foram enfrentadas pela força do trabalho, sem uma organização social para defender os interesses da classe trabalhadora, rapidamente foram derrotadas (Allende no Chile, por exemplo). Inclusive políticas reformistas como a de João Goulart (Reforma Educacional com aumento do investimento público nas instituições públicas, reforma agrária, aumento do salário mínimo) foram motivos para uma reação da burguesia nacional brasileira para aplicar um golpe e uma ditadura civil-militar. Isso nos faz refletir que, ao ameaçar as forças do capital e a mínima perspectiva de sobre taxar a sua taxa de lucro, isso promove uma reação vingativa do capital contra o trabalho. Desse modo, entendemos que os problemas econômicos e

sociais indicados pela obra “História das Coisas” não serão modificados com a implantação de um desenvolvimento sustentável e com a manutenção do capital.

Considerações finais

A obra cinematográfica “História das Coisas” apresenta uma excelente caracterização do sistema sóciometabólico regido pelo capital. Todavia, temos uma análise distinta, pois a obra indica-nos a possibilidade de aperfeiçoar esse sistema. Isso é impossível, haja vista que o desenvolvimento desigual e combinado da riqueza e da miséria é uma lei fundante desse sistema sóciometabólico.

Com a revolução industrial, cada vez se precisa de menos trabalhadores para se produzir mais mercadorias (MARX, 2002; 1991; MÉSZÁROS, 2002; ANTUNES, 2006). Isso nos faz pensar que é impossível o ajuste social sob a égide do capital (NETTO; BRAZ, 2007). O capital possui duas formas para aumentar a sua mais valia. Seja de forma absoluta, aumentando a jornada de trabalho, ou de forma relativa aumentando a produtividade por hora e com menos trabalhadores. Essa consideração entre outras nos revelam que o desenvolvimento sustentável sob a égide do capital é impossível. Cada vez se produz mais mercadorias, com menos trabalhadores em menos tempo e que também duram menos tempo. A natureza de onde se extrai todos os minérios e demais elementos para a produção de mercadorias é tratada como algo inesgotável quando ela é esgotável.

Assim, refletir sobre os aspectos fundantes que sustentam a sociabilidade regida pelo capital é de suma importância para que não sejamos mais hegelianos do que o próprio Hegel.

Referências:

- ANTUNES, R. A era da informatização e a época da informalização. In: ANTUNES, R. (Org.). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- LUKÁCS, G. *Introdução a uma estética Marxista*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.
- _____. *Arte e Sociedade*. Escritos estéticos 1932-1967. Rio de Janeiro; Editora UFRJ, 2009.
- MARX, K. *Introdução à crítica da Economia Política*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- MARX, K.; ENGELS, F. *Cultura, arte e literatura – textos escolhidos*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- MÉSZÁROS, I. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- NETTO, J. P.; BRAZ, M. *Economia política: uma introdução crítica*. São Paulo: Cortez, 2007.

Notas:

¹ Professor Adjunto do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: henryferrer@gmail.com.

² Licenciando em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: augustocpb@hotmail.com.

³ Licenciando em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: luizbdr@hotmail.com.

⁴ Licenciando em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: yannrsouza@hotmail.com.

Recebido em: 07/2013

Publicado em: 10/2013.